

Escuta Multidimensional Interassistencial: um caminho para a autossuperação

Interassistential Multidimensional Hearing: A Way to Self-overcoming

Escucha Multidimensional Interasistencial: un camino para la autossuperación

Elena Bandeira*

RESUMO: Este artigo aborda metodologia de superação da robéxis proporcionada pela compreensão do modo pessoal de interação social e parassocial, alcançada por autopesquisa. Com base na identificação do traço da disponibilidade para aprender e de pontos de melhoria nas próprias habilidades de intercomunicação, com vistas à eficiência e à eficácia na qualificação da interassistência, propõe a minimização dos “não ouvidos” pela adoção da “escuta” holossomática como conduta essencial. Baseada no interesse sincero, no respeito e na valorização do outro, a escuta multidimensional interassistencial é isenta e ocorre quando a consciência lúcida se dispõe a paraperceber, nos campos energéticos, auto e heteropenses, de conscios e consciexes, para realizar a tarefa do esclarecimento mediante vontade e intencionalidade hígida, em conjunto com os amparadores. Conclui destacando a importância crescente da autopesquisa e da aplicação da escuta multidimensional em sua plenitude, nas experiências grupais.

PALAVRAS-CHAVE: Autopesquisa; Disponibilidade; Escuta; Interassistência.

ABSTRACT: This paper approaches the existential-robotization overcoming method by means of the understanding of one's personal way of social and parasocial interaction, attained by self-research. Based on the identification of the strong trait disposition to learn, as well as on improvements in personal intercommunicative skills, aiming at both efficiency and efficacy in the qualification of interassistance, it proposes the minimization of the “unheard things” through holosomatic hearing as an essential conduct. Grounded on sincere interest, respect, and on the valuing of others, multidimensional hearing is exempt and happens whenever the lucid intraphysical consciousness disposes themselves to clarify others by means of sound will and sound intention, together with the helpers. It concludes by stressing the growing importance of self-research and the full application of multidimensional hearing in group experiences.

KEYWORDS: Availability; Hearing; Interassistance; Self-research

RESUMEN: Este texto trata de la metodología de superación de la robéxis proporcionada por la comprensión del modo personal de interacción social y parassocial, alcanzada por la autoinvestigación. Con base en la identificación del traço de la disponibilidad para aprender y de los puntos de mejora en las propias habilidades de intercomunicación, con el propósito de la eficiencia y la eficacia en la cualificación de la interasistencia, propone la minimización de los “no escuchados” por la adopción de la escucha holossomática como conducta esencial.

*Psicóloga, voluntária autopesquisadora da Associação Internacional para a Evolução da Consciência (ARACÊ).
elena@arace.org

Apoyada en el interés sincero, en el respeto y en la valoración del otro, la escucha multidimensional interasistencial es libre y ocurre cuando la concin lúcida se dispone a paraperibir, en los campos energéticos, auto y heteropenses, de concines y concixes, para realizar la tarea del esclarecimiento según la voluntad y la intencionalidad auténtica, en conjunto con los amparadores. Concluye destacando la importancia creciente de la autoinvestigación y de la aplicación de la escucha multidimensional en su plenitud, en las experiencias grupales.

PALABRAS-CLAVE: Autoinvestigación; Disponibilidad; Escucha; Interasistencia.

INTRODUÇÃO

Início. A redação deste texto começou em 2007, quando a autopesquisa desta autora diagnosticou robotização existencial (robéxis), deflagrando profunda crise de crescimento.

Compreensão. A busca da reciclagem intraconsciencial exigiu inicialmente a análise de contextos do passado para compreender os caminhos que levaram à robéxis; e, com a autopercepção expandida, vislumbrar possibilidades de autoenfrentamento, mudanças nos próprios padrões e criação de neossinapses pelo aproveitamento do laboratório consciencial cotidiano.

Retrocognição. Houve retrocognições, indícios de experiências pluriexistenciais angustiantes, como o abandono, ainda criança, em local destruído por guerra; e outra referente à vida de soldado espartano, na Grécia Antiga. Confirmou-se repetição de vivências marcadas por restrição de recursos intrafísicos.

Robéxis. A partir dessas retrocognições, a hipótese aceita pela autora é de que a robéxis resultou da necessidade de priorização da sobrevivência, inclusive nesta existência, implicando valorização excessiva de disciplina, resistência à dor e rigidez quanto às regras estabelecidas e aos compromissos assumidos.

Obnubilação. Tal conduta marcada pela obnubilação resultava de forte influência do meio, conjugada a indiferenciação; porém, havia insatisfação íntima, ainda incompreendida, e incômodos que, embora temporariamente tamponados, sinalizavam a presença da semente de convivialidade sadia, passível de germinar com o amadurecimento pessoal.

Temática. A aplicação da *técnica da diferenciação pensênica* (V. p.74) evidenciou quão pouca atenção a autopesquisadora prestava em si mesma e no outro, descobrindo o próprio parapsiquismo até então tamponado, e, em contraponto à robéxis, passou a exercitar a escuta multidimensional interassistencial.

Definição. A *escuta multidimensional interassistencial* é a técnica de prestar atenção concentrada às informações transmitidas pelas conscins e/ou consciexes, mediante escuta imparcial e hígida, usando sentidos e parassentidos, com vistas à interassistência.

Sinonímia: 1. Escuta interassistencial. 2. Escuta cosmoética. 3. Escuta acolhedora. 4. Escuta empática. 5. Escuta integral.

Antonímia: 1. Escuta unidimensional. 2. Escuta parcial. 3. Audição seletiva. 4. Surdez egoica.

Etimologia. A palavra *escutar* vem do idioma Latim, *ausculto* “escutar, ouvir com atenção”. Apareceu no Século XIII. O elemento de composição *multi* deriva também do idioma Latim, *multus*,

“muito; numeroso; em grande quantidade; extenso; espaçoso; importante; considerável”. O vocábulo *dimensão* procede do mesmo idioma Latim, *dimensio*, “dimensão; medida”. Apareceu no Século XVI. O termo *dimensional* surgiu no Século XIX. O prefixo *inter* procede do idioma Latim, *inter*, “no interior de 2; entre; no espaço de”. O vocábulo *assistência* provém do mesmo idioma Latim, *assistentia*, “ajuda; socorro”. Surgiu no Século XVI.

Objetivo. Este trabalho busca registrar a autopesquisa da autora, tanto para a autocompreensão quanto para compartilhar a experiência e o entendimento pessoal, submetendo-os à heterocrítica e provocando reflexões sobre a importância da *escuta* na qualificação assistencial e na assertividade cosmoética.

Metodologia. Sob a luz do paradigma consciencial, o artigo é *autobiográfico* e complementado com pesquisas *bibliográficas*. A *escuta multidimensional interassistencial* aqui descrita é usada enquanto instrumento evolutivo-assistencial.

VIVENCIANDO O CICLO DA APRENDIZAGEM EVOLUTIVA

Educação. Na atual vida intrafísica esta autora, ressomada no espaço geográfico e holopense gaúcho, recebeu de pais e professores educação repressora e individualista, referenciada no modelo americano introduzido no Brasil na década de 1970, quando o regime militar censurava neoideias teoricamente ameaçadoras ao *status quo*.

Valores. A rebeldia natural da adolescência, fase de busca da identidade, foi contida, nesse ambiente marcado, também, por restrições financeiras, ausência de atividades culturais e de estímulos à criatividade e à espontaneidade. Liberdade, autonomia e independência tornaram-se os valores pessoais mais importantes, influenciando na formação de uma consciência focalizada na autossuficiência, desenvolvendo relações de interdependência lacônicas.

Resgate. O contexto da reabertura política da década de 1980 e mudanças no cenário individual, como o ingresso no mercado de trabalho e na faculdade de História, propiciaram expansão dos universos extra e intraconsciencial, despertando o interesse e a dedicação às leituras de teor sociológico desde a juventude.

Criticidade. No espaço acadêmico, com os cursos das ciências humanas e sociais tentando recuperar os direitos de manifestação e participação política dos cidadãos, o desenvolvimento do pensamento crítico foi intensamente estimulado.

Radicalidade. Naqueles tempos a criticidade por si só era considerada revolucionária, passando despercebido para a autora que, se empregado com radicalidade, esse atributo, tão importante para aumentar o discernimento, pode se tornar doentio e gerar interprisões, com desperdício de oportunidades interassistenciais.

Indiferenciação. Quando indiferenciada, a consciência é submetida ao determinismo geográfico, social e parassocial, pouco sabendo sobre a autopenalidade, quase não questionando a si mesma e aos diversos ambientes de interação multidimensional, não raro tomando valores e práticas do meio como próprios e automatizando as rotinas pessoais.

Autodisciplina. Esta autora construiu a própria história com alto nível de exigência quanto ao cumprimento das responsabilidades, priorizando as obrigações e os deveres, convencida de assim corresponder às expectativas em termos de esforço e dedicação, por vezes extrapolando o limite saudável do traço-força (*trafor*) da disciplina, inconscientemente.

Alheamento. Alheia às próprias emoções e interações pensênicas, adotou comportamentos não raro desatentos também à alteridade, com reflexos negativos na interassistência. Evidenciou-se inabilidade para comunicar com delicadeza a percepção dos diversos aspectos de cada situação, devido à objetividade da fala, indo muito diretamente ao assunto, convertendo em traço-fardo (*trafar*) também o *trafor* da personalidade crítica, imprescindível à evolução individual e grupal.

Desgastes. Apesar da argumentação racional, às vezes a energia da transmissão das ideias era ectópica e assediadora ao desconsiderar aspectos emocionais de cada questão. Quando há pouca lucidez a conscin tende a confundir pseudofranqueza com autenticidade, e as palavras podem parecer agressivas. Na intenção equivocada de ser sincero e posicionar-se claramente sobre tudo pode-se esquecer que a necessidade de emitir opinião é relativa. Muitas vezes é melhor calar-se, buscando o autocontrole e a qualidade dos pensenes.

Assistência. A tares sustenta-se no fraternismo, no exemplarismo e na teática. Decorre de aprendizado cujas noções iniciais incluem a tacon e o acolhimento. É engano pensar que somente a explicitação de qualquer pensene seja suficiente para assistir. Assistência é incompatível com cobranças, patopensenedade e agressividade. Importa mais conhecer e respeitar a realidade e condições daquele que se pretende assistir.

Consequência. Consequentemente, o comportamento, então pouco agregador, prejudicou a autoestima, mantendo subnível com baixo aproveitamento dos trafores. A autopesquisa, entretanto, aumenta a lucidez à medida que ajuda a recuperar *cons*. O autoentendimento favorece as reciclagens e mudanças de comportamento, resultando em discernimento crescente, ainda mais ao incluir idiosincrasias parapsíquicas.

RECURSOS

Ferramentas. Identificadas e compreendidas as próprias debilidades, instalada a crise de crescimento, a reciclagem intraconsciencial (*recin*) representa a próxima fase da aprendizagem evolutiva. Entretanto, para superar os autopatopensenes, neutralizar os mecanismos de defesa do ego adotados e realizar a autointervenção, foi necessário encontrar a ferramenta adequada.

Técnicas. Mais de 10 anos de prática profissional em processos administrativos disciplinares, que exigiram o uso de técnicas de entrevista e habilidade para conduzi-la, ajudaram a autora a desenvolver perfil de observador do outro, rompendo a rigidez da robéxis pessoal. Utilizar o próprio poder de concentração para atentar às particularidades de cada pessoa e de cada contexto requer competência do entrevistador para elaborar perguntas e aguardar as respostas do entrevistado.

Mudança. Além disso, nova incursão acadêmica, em Psicologia, mudou o foco dos temas coletivos para os individuais, voltando-se a atenção para o comportamento do sujeito. O atendimento a casais e famílias durante dois anos e meio de estágio provocou o estudo das relações de interdependência. Nessa ocasião o baixo nível de escuta mútua percebida nesses sistemas básicos, devido principalmente ao pouco aproveitamento da comunicação não verbal, fomentou a curiosidade pesquisística, materializada no trabalho de conclusão do curso sobre a comunicação diádica.

Docência. A atuação na docência do curso AST – Autoconscientização Assistencial, da Associação Internacional para a Evolução da Consciência – ARACÊ, em 2010, foi fundamental para o progresso desta autopesquisa. O método paradidático dessa Instituição Conscienciocêntrica baseia-se no trabalho em equipe, extra e intrafísica, envolvendo docentes, aprendizes e grupo de apoio. As vivências, temas de autopesquisa, encontram assim ambiente otimizado para associação de ideias

e *insights* dos participantes. Em campo de aula, especialmente quando sem verbalizar pensenes, o aluno pode comunicar-se pelo olhar, gestos, atitudes, propiciando ser *escutado*.

Curso. A versão inicial deste texto, ora revisado e enriquecido, resultou da participação desta autora, na condição de aluna, no curso Pesquisologia Aplicada (PEA), da mesma Instituição, direcionado à materialização das gestações conscienciais, pelo exercício da escrita, naquele mesmo ano.

Investimento. Uma experiência profissional mais recente, na área da seleção de pessoas, reforçou, pela natureza da atividade, os atributos da observação, do detalhismo e a capacidade de investir tempo em favor do outro, agora com melhor aproveitamento das vivências interacionais, num crescendo de aprendizagem, sob o paradigma consciencial.

Parapsiquismo. Aos poucos o autoparapsiquismo foi reconhecido, pois renunciando ao controle das situações em cada contexto, oferecendo disponibilidade para assistir, perceberam-se interações extrapolando o intrafísico, incluindo energia e multidimensionalidade, favorecendo trocas e influências pensênicas mútuas entre conscins e consciexes, notadamente amparadoras.

Superação. Reconhecido o autoparapsiquismo, foi qualificada a assistência e superada a robéxis, passando-se a paraperceber os acontecimentos, os auto e heteropenses com maior lucidez, a prestar mais atenção em cada momento vivido, de modo que a convergência das experiências citadas resultou na sensorialidade alargada pela simples atitude de escutar o mundo ao redor, para além do ego, rompendo o encapsulamento, com reflexos positivos na consciencialidade.

Diferenciação. Incorporando o pensamento multidimensional aos hábitos, a conscin compreende que as inter-relações se realizam entre consciexes, entre conscins e, o que mais interessa nesse ato, entre conscins e consciexes, ininterruptamente, podendo provocar nos desatentos reações impulsivas, não raro induzidas por outrem. Faz-se necessário conhecer e utilizar a *técnica da diferenciação pensênica*, que consiste essencialmente no questionamento da origem e da causa dos próprios pensenes, para perceber quando há interação pensênica e se é sadia ou patológica.

Campos. Quando se trata de ortopenses, fortalecem-se os campos assistenciais. Em contrapartida, patopenses identificados exigem reverter o fluxo pensênico do assédio para a assistência, pelo esclarecimento. Deve-se então questionar a pertinência, a origem e a natureza dos pensenes doentios, bem como aplicar a técnica do binômio admiração/discordância, até encontrar o rumo assistencial.

Interação. Nesse processo, praticar a escuta multidimensional habilita a conscin assistente a interagir nos campos energéticos, sejam eles assistenciais ou patopensênicos, com discernimento, atuando, enfim, enquanto minipeça no maximecanismo assistencial.

TÉCNICA DA ESCUTA MULTIDIMENSIONAL ASSISTENCIAL

Definição. A *técnica da escuta multidimensional assistencial* é a maneira, jeito ou habilidade de escutar o outro usando o holossoma, enfatizando a atenção concentrada e a disponibilidade ilimitada, sustentadas pelo altruísmo, intencionalidade sadia e cosmoética, clarificando assim as parapercepções e desenvolvendo a percuciência.

Sinonímia. 1. Técnica da Oitiva Lúcida Multidimensional. 2. Técnica da Interassistência pela Escuta Interdimensional.

Antonímia. 1. Escuta unidimensional. 2. Oitiva convencional. 3. Pseudoescuta.

Diferença. Esta técnica diferencia-se da oitiva convencional, restrita à audição, que consiste em pseudoescuta, prejudicada pelo excesso de estímulos ambientais.

Tecnologização. Há urgência em atender a todos os compromissos e desincumbir-se das tarefas assumidas em cada papel representado na socin. Para agilizar o desempenho, há cada vez mais tecnologia dos contatos, aumentando o risco de manter superficiais as inter-relações. Literalmente, enquanto a pessoa fica de frente para o mundo virtual, analogamente põe-se de costas à própria realidade.

Valores. Agrava esse quadro o direcionamento dos valores da sociedade humana atual para consumo, riqueza, influência e *status*, embotando-se a afetividade ao dificultar a aproximação desinteressada entre as pessoas. Avançando em sentido contrário, a escuta multidimensional assistencial aprofunda as relações interconscienciais. Reduz as autorreivindicações porque traz em sua gênese abnegação cosmoética e simplicidade.

Ancoragem. Estudo e conhecimento importam ao facilitarem o uso da técnica àqueles que têm reserva de conteúdo diversificado, visto ancorarem-se na mentalsomática tanto quanto no universalismo. Assim, quando houver explicitação de pensenes, haverá maior possibilidade de ser com base na assertividade e na paradiplomacia.

Dificultadores. Listam-se pelo menos 7 dificultadores que merecem ser analisados e compreendidos para se desenvolverem meios de neutralizá-los e superar os obstáculos ao autoconhecimento e à melhoria da escuta multidimensional.

1. **Fala.** Na comunicação humana a fala é supervalorizada em detrimento da escuta. Animais subumanos ouvem. Quem tem bichinhos de estimação sabe o quanto eles conhecem as rotinas da família por serem bons ouvintes e observadores. Porém, a capacidade de articular a linguagem com riqueza de detalhes privilegia os humanos frente às outras espécies.

2. **Extroversão.** O jornal *O Globo* (caderno *Boa Chance* 08.07.2012, p.1) informa que introspecção e quietude costumam ser combatidas desde a infância. O ideal de extroversão determina que é necessário ser falante e expansivo para ser bem-sucedido. Referindo-se aos processos de seleção de profissionais, denuncia certa pressão para que o calado se exponha. Enfim, quem fala mais aparece mais.

3. **Eloquência.** No mundo inteiro, aplaudem-se os oradores. São respeitados e admirados. Sedutores, mobilizam pessoas e grupos, promovem movimentos sociais, atribuem significado às coisas e sentido à existência. Seja pela palavra, falada ou escrita, ou pela imagem, importa a emissão qualificada de informações. Poucos, porém, se ocupam em melhorar a *recepção* das mensagens.

4. **Oratória.** Há muita preocupação em dizer e mostrar a coisa certa e contextualizada para atingir determinados fins, notadamente relacionados às atuações social e profissional, podendo-se escorregar para a manipulação e sedução anticosmoéticas. Ignora-se treinamento para ouvir e observar, mas multiplicam-se cursos de oratória, para a obtenção de respeito e notoriedade por meio da retórica.

5. **Consumismo.** Diante dos valores materialistas do Planeta, a escuta foi desprezada, o que, em boa parte, é responsável pela construção de relacionamentos ralos e disfuncionais. Como se a imagem gritasse, as pessoas são reconhecidas pelos hábitos de consumo e pela aparência, permanecendo ignorada a essência do *ser*. Morar em bairros nobres, usar marcas conhecidas e frequentar lugares caros são comumente percebidos como bem-estar, confundido com sucesso em detrimento da pacificação íntima e da coerência no uso dos recursos intrafísicos para a evolução consciencial.

6. **Agitação.** Vale o exemplarismo do psicólogo, profissional para quem a escuta é a principal ferramenta de trabalho, utilizada normalmente em ambiente favorável de consultório. No entanto, focaliza-se aqui o convívio diário, em meio à agitação dos ambientes comuns, envolvendo amigos, parentes, colegas, vizinhos, inter-relações requerendo muito investimento energético realizável por meio da escuta assistencial, acolhedora e isenta, sem manipulação nem estupro evolutivo.

7. Desconfiança. Tantas *não ouvidos* levam à desconfiança na escuta. Isso se evidencia quando alguém fica repetindo a informação, indicando não acreditar que o interlocutor tenha prestado atenção – no que pode estar certo. Também se notam algumas pessoas acostumadas a falar alto, demonstrando dificuldade para realizar o desejo de serem ouvidas.

Incompetência. Como interagir multidimensionalmente com lucidez e atuar em conjunto com os amparadores extrafísicos sendo ainda incompetente para ouvir outra conscin nas situações cotidianas? A comunicação embasa as relações e se completa quando a mensagem é compreendida.

Lucidez. Ainda que para fins didáticos separem-se as dimensões, o pensene une intrafísico e extrafísico; tal percepção é proporcional ao nível de lucidez pessoal.

Percepção. Entender a comunicação interdimensional na condição de conscin decorre do aproveitamento das oportunidades múltiplas que vivenciamos na dimensão intrafísica para aprender a ouvir a nós mesmos e ao outro com zelo, percebendo, além da energia, o comportamento e detalhes sutis, atentando às palavras, à entonação da voz, aos intervalos e silêncios.

Detalhismo. A observação e a escuta são aparentadas e inseparáveis. Os movimentos corporais, os gestos e a fisionomia dos interlocutores, quando bem observados ou “escutados”, facilitam a apreensão da mensagem. Faour (2009, p. 121) é muito feliz em suas afirmativas:

“Escutar é mais que ouvir... Escuta-se por todas as células do corpo. Escuta-se com as mãos, com os olhos, com a respiração, escuta-se, inclusive, com os ouvidos. Uma postura escuta, um gesto escuta, a boca escuta. Há que se deixar apagar e se concentrar no outro. Há também que se eliminar quaisquer ruídos de interferência. Como pensamentos que voam, telefones que tocam, vaidades que afloram, vontade de ir ao banheiro. Muitos dizem que a fala distingue o ser humano dos outros animais. Discordo. Saber escutar é o que nos dá humanidade”.

Imparcialidade. Outro aspecto a destacar para a qualificação da escuta é a busca da imparcialidade, da evitação de apriorismos e julgamentos que comumente distorcem a realidade.

Desmitificação. Rubem Alves se refere à escutatória para desmitificar a oratória como epicentro da comunicação. Explica tal prática com simplicidade tocante:

“... a gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor, sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração e precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor.”

Barulhos. Orgulhos, vaidades, preconceitos, arrogância, vontade de parecer inteligente e se manter no controle das situações funcionam como barulhos ensurdecadores impeditivos da escuta de qualidade.

Rigidez. A falta de relativização pode desqualificar a audição e impedir a disponibilização incondicional à assistência. Valores rígidos, paragenéticos ou aprendidos, filtram o que é ouvido. Dicotomias como certo e errado, bem e mal, assédio e amparo angustiam e retardam o bem-estar resultante das recins. Flexibilidade compensa e eleva a autoestima, pois dá continuidade à reconfiguração pensênica.

Tempo. Outro aspecto a ser considerado é o tempo, recurso limitado nesta existência. Há muito desejo de aproveitá-lo, mas pouco discernimento para definir as prioridades. A pressa reforça

a tendência à robotização, confunde o urgente com o importante. A conscin pode engessar-se em torno do planejado, fechar olhos e ouvidos a tudo que fugir da meta estabelecida. Perdem-se assim aspectos relevantes de cada momento e se desqualifica a escuta. Escuta boa requer tempo. Há o antes, o durante e o depois.

Antes. É fundamental ao ouvinte silenciar e esvaziar a mente das teorias acumuladas, discussões filosóficas, conceitos, constructos de toda ordem. O saber prévio pode atrapalhar a compreensão do que o outro quer comunicar.

Durante. Segundo Vieira (1994, p. 118), “*o diálogo atento e educado*” é a única forma de ouvir o outro com discernimento. É preciso concentração, pois há risco de dispersão pelas naturais associações mentais. Pode extraviar-se do assunto proposto pelo interlocutor, talvez preenchendo lacunas com conteúdo imaginário, fantasias ou devaneios. Dependendo do estado emocional, o ouvinte ainda se arrisca a ouvir seletivamente, gravando apenas o que lhe agrada, ou o contrário. Ademais, pode-se polarizar, pela concordância ou pela discordância, prejudicando a escuta integral.

Depois. Deve-se controlar a ânsia por emitir resposta. A argumentação do ouvinte pode comprometer a qualidade da oitiva. Não há obrigatoriedade de responder e até as palavras, às vezes, dificultam a comunicação, ainda mais quando emitidas por impulsividade. O silêncio subsequente pode contribuir para organizar os pensamentos e verificar a compreensão, pois abre espaço para a análise e para a síntese decorrente.

Erudição. A escuta adequada, a solidariedade e o interesse em ajudar, por acolhimento, debate de ideias ou outra atitude ortopensênica, opõem-se ao querer encontrar a melhor resposta e a usar as palavras mais envernizadas, eruditas, porém pouco conhecidas, a fim de impressionar pela erudição.

Audiência. Tampouco se deve propor de imediato a solução às questões apresentadas, a menos que solicitado. Esse procedimento comumente é adotado pelos homens ao receber queixas femininas, conforme se percebe em consultório de Psicologia. Na maioria das vezes o que as mulheres desejam é uma carinhosa audiência e ficam incomodadas com a pouca habilidade masculina para compreender o comunicado além das palavras – onde reside a maior parte dos “*não ouvidos*”. Não é má intenção esse procedimento masculino, e sim o hábito instintivo de proteger e buscar soluções para os problemas.

Cosmoética. Cosmoético é respeitar a si e ao outro, conhecer os próprios limites, os trafores, os trafores e os trafores, e abandonar a falsa onipotência. A ortopensividade facilita o *rapport*, que inclui a audição, a visão e os demais sentidos e parassentidos, para instalação e manutenção de campo energético assistencial.

Laboratório. A interassistência exige vontade, empatia, acolhimento e treino, especialmente no laboratório diário do autopesquisador, onde o esforço de concentração para a escuta é maior por serem os ambientes diversificados, nem sempre organizados, tranquilos e confortáveis, como seriam em condições ideais.

Auto-observação. Pelo paradigma consciencial, as inter-relações resultam de trocas energéticas, sejam elas homeostáticas e/ou nosográficas, o que quer dizer assistenciais ou assediadoras. Dependendo da maturidade e do discernimento, o assistente autopesquisador observa os próprios sentimentos, pensamentos, sensações, emoções e energia, misturados por assimilação aos de outras consciências que formam o campo pensênico instalado. Integra-se ao holopensene como uma de suas variáveis e, ao interpretar os próprios pensenes, interpreta também os de outrem, conscin e/ou consciex, manifestados energeticamente.

Dinâmica. Não se trata de total passividade: ao contrário, a atividade mentalsomática é dinâmica e intensa. O sujeito ouve, pensa, sente, observa e age, escolhendo pela omissão, quando silencia, ou pela exposição tarística, quando explicita os pensenes percebidos no campo, sejam orto ou patopensênicos.

Omissões. As omissões podem ser deficitárias, quando se retém informação que deveria ser transmitida, ou superavitárias, quando se guarda a informação para explicitar em momento evolutivo mais adequado.

Minipeça. Esse contexto evidencia a multidimensionalidade. Dimensões intrafísica e extrafísica perceptíveis em interações energeticamente potencializadas, acessíveis mediante disponibilidade incondicional, mas autoconsciente. Dispondo-se à tares, aceita-se a condição de minipeça nesse maximecanismo assistencial, habilitando-se ao trabalho em equipe com os amparadores extrafísicos, emprestando as energias densas da dimensão intrafísica para mobilizar conscins e consciexes à reflexão e ao autoenfrentamento.

Intervenções. As intervenções são válidas para todos, pois as queixas podem representar demandas tanto de conscins como de consciexes presentes que necessitam esclarecimento.

Autoinvestigação. Pela investigação da própria psicofera a conscin pode verificar acoplamentos. O diálogo interno, questionando os porquês dos próprios pensenes, permite identificar a origem intraconsciencial ou não. A acuidade facilita perceber se há intenção de amparar ou assistir. É possível também desassimilar, se necessário, ou atuar na condição de isca lúcida para realizar a tares, se houver condições.

Docência. No contexto da atividade docente, algumas medidas de segurança podem melhorar a assistência em sala de aula. A mais importante é estar disponível, o que significa priorizar o aluno. Para isso, o professor deve providenciar que se sinta limpo, bem vestido e confortável, a tal ponto que possa esquecer de si mesmo. Por certo, além disso é imprescindível estudar o conteúdo da aula exaustivamente, enriquecendo o vocabulário mental e desenvolvendo novas sinapses.

Recursos. Para ajudar a manter a concentração grupal, podem ser usados recursos técnicos como fazer perguntas e esperar a formulação das respostas. Importa olhar nos olhos das pessoas, estabelecendo e mantendo o contato. Movimentar-se no ambiente também ajuda e aproxima. Recursos tecnológicos facilitam as exposições, mas devem ser utilizados com comedimento para que não distraiam os alunos. Também acolher, valorizar e respeitar os saberes dos participantes é imprescindível para manter o amparo de função.

ARGUMENTOS CONCLUSIVOS

Reciclagem. A evolução é processo gradativo. A transformação de discurso impulsivo em exposição tarística não é instantânea. Antes, há trajetória a ser percorrida com determinação, coragem e discernimento. Implica superar a robotização e buscar o sentido dos acontecimentos. Requer a expansão do alcance da escuta para todos os lados, de dentro e de fora, para si e para o outro.

Assistência. A autopesquisa é uma das melhores ferramentas. Considerando-se que *“assistir ao outro é ir até as últimas consequências com você mesmo”* (Souza, Makhlof e Lückmann, 2008, p. 34) o assistente é simultaneamente assistido ao aprender mais sobre si mesmo, avançando e mudando de patamar evolutivo no processo. A autoabnegação cosmoética é percebida então como ganho, oportunidade de acelerar a própria evolução.

Profilaxia. Não se trata de recomendar o investimento de tempo prestando atenção até mesmo em falácias e balelas. Há de se fazer a profilaxia quanto às consciências energívoras que atrapalham a assistência ao reivindicar para si mesmas. Pode ser preciso fazer calar. Limites são necessários.

Superficialidade. No livro “Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos” (2003), o sociólogo Zygmunt Bauman aborda os comportamentos das pessoas na civilização fluida, em que os relacionamentos são superficiais e sem confiança, cada um cuidando dos interesses pessoais e da busca do prazer e da felicidade. Entretanto, ninguém evolui sozinho.

Reeducação. Importa colaborar para a reeducação das consciências. Primeiro, desestabilizar as estruturas desta sociedade de solitários em rede e, em seguida, fortalecer-se realizando as recéis prioritárias para contribuir com a reurbanização do Planeta. Uma das propostas é o estudo da Grupocarmologia, com o intuito de desvelar outras sutilezas das inter-relações conscienciais, além dos conteúdos *não ouvidos*.

Grupalidade. A escuta multidimensional constitui-se, assim, ferramenta imprescindível à superação da robéxis devido ao abertismo consciencial alcançado, qualificando a grupalidade mais intensamente vivenciada e favorecendo o aproveitamento dos talentos ora reconhecidos e melhor aproveitados. A vontade de prosseguir é nutrida pelo desejo sincero de *que aconteça o melhor para todos*.

ACRÉSCIMO A POSTERIORI: UMA PONTE PARA O FUTURO

Escrita. A produção deste texto mostrou à autora a importância de registrar as experiências para compreender as ligações entre os acontecimentos, as relações de causa e efeito que afetam a evolução de cada consciência. Muitas foram as vivências desde o início da escrita. Entre avanços e retrocessos, prevaleceu o amadurecimento da consciência.

Autoacolhimento. O autoacolhimento é imprescindível. O sentimento predominante da autora, ao perceber-se em robéxis, foi a vergonha. Em contraponto, aumentou a vontade decidida de realizar a recin. Aproximar-se de si e do outro evidencia a *normalidade* de ambos. Há alívio decorrente do entendimento do próprio modo de estar no mundo e da sensação de ter avançado, e de melhor preparo para os próximos passos.

Esforço. É fato que a socin fomenta a robéxis e dificulta a diferenciação pensênica, ao consolidar princípios que privilegiam o consumismo e o materialismo exacerbados. O foco na evolução consciencial, ao contrário, leva à valorização dos momentos de amparo para suportar o próprio processo de superação da robotização, que requer esforço concentrado e alerta constante, porque há riscos de recaída à condição robótica.

Tares. O relato desta autopesquisa é ponto de partida para esta autora quanto ao conhecimento de detalhes da própria personalidade e da proéxis pessoal. Cada dia há investimento para se transformar no que se deseja ser a cada nova experiência. Essa ideia se vincula à da apreensão da complexidade da Consciência, do Cosmos, da ilusória separação entre passado, presente e futuro. Guarda relação, enfim, com o viver o aqui e o agora.

Para encerrar, fica o convite: refute ou enriqueça, a partir de experiências pessoais, o que foi dito acima, publicando suas contribuições.

REFERÊNCIAS

1. Alves, Rubem; *Escutatória*; disponível em: <<http://rubemalves.locaweb.com.br/hall/wwpct3/newfiles/escutatoria.php>>; acesso em: 03.06.10.

2. **Bauman**, Zygmunt; *Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos*; Zahar; Rio de Janeiro, RJ; 2003.
3. **Faour**, Carla; *A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido*; Rio de Janeiro, RJ; Agir; 2009; página 121.
4. **Balthazar**, Alexandre; **Colangelo**, Claudete; **Athayde**, Greice G.L.; **Fonseca**, José Djalma C. da; **Bassanesi**, Maria Cristina; **Catto**, Maria Luiza; **Lückmann**, Mariangela; & **Crespo**, Telma Cristina F.; *Campos de Aula e Agentes de Sustentação*; 472 p.; Anais da 3ª Jornada de Educação Conscienciológica; *Journal of Conscienciology*; Revista; Vol. 7, N. 28S; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Curitiba, PR; Brasil; 26-29.05.2005; páginas 353 a 364.
5. **Souza**, Graça; **Makhlouf**, Lúcia; **Lückmann**, Mariangela; *Limites da Interassistencialidade*; Anais do I Congresso de Grupocarmologia; Conscienciologia Aplicada; Revista; Ano 08; N. 7; Especial; ARACÊ Editora; Venda Nova do Imigrante, ES; 2008; páginas 6 a 34.
6. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; IIPC, Rio de Janeiro, RJ; 1994; página 118.